

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

SAMIRA MARIA VIANA SOUZA FERREIRA

**A MITOLOGIA DA BELEZA E O IMPACTO NA IDENTIDADE NEGRA**

VITÓRIA/ES

2024

SAMIRA MARIA VIANA SOUZA FERREIRA

## **A MITOLOGIA DA BELEZA E O IMPACTO NA IDENTIDADE NEGRA**

Monografia apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Licenciatura em História.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

VITÓRIA/ES

2024

*A minha família, que sempre me apoiou nos momentos que mais precisei.*

*Dedico.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, que foi minha maior força nos momentos de angústia e desespero, por me proporcionar perseverança durante toda a minha vida. Sem Ele, nada disso seria possível. Obrigada, senhor, por colocar esperança, amor e fé no meu coração.

Aos meus pais Sebastião de Souza e Ana Maria Viana Souza pelo apoio e incentivo que serviram de alicerce para as minhas realizações.

A minha irmã, Marianna Viana Souza, pela confiança no meu progresso e pelo apoio emocional.

Ao meu Marido, João Batista Ferreira, que foi o equilíbrio perfeito entre ser meu espaço seguro e me desafiar a ser melhor, meu coração é infinitamente grato.

Aos meus filhos, Bárbara Viana Souza Ferreira Leal e Bento Viana Souza Ferreira Leal, cujos sorrisos e abraços me motivaram a continuar nos momentos mais difíceis.

Aos meus sogros, Osias Ferreira Leal e Rosa Maria Rogai Leal, que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória.

A todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

A minha orientadora Sônia Maria da Costa Barreto, que apesar da intensa rotina de sua vida acadêmica aceitou me orientar nesta monografia. As suas valiosas indicações fizeram toda a diferença.

À Universidade Federal do Espírito Santo e o seu corpo docente que demonstrou estar comprometido com a qualidade e excelência do ensino.

*“Ser mulher negra no Brasil é ser um sujeito político coletivo, desenhado na luta coletiva”. (Bianca Santana).*

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem como principal objetivo identificar os principais impactos causados pelo padrão de beleza imposto pela sociedade em mulheres negras, bem como promover uma reflexão sobre ressignificar o conceito de beleza, considerando importância da valorização da beleza negra em toda sua diversidade, promovendo a autoaceitação, o empoderamento e a valorização da cultura afro-brasileira. Para o desenvolvimento desse estudo, será utilizado para a coleta e produção dos dados a pesquisa bibliográfica, na qual trouxemos para o embasamento teórico desse estudo as contribuições de Ribeiro (2019) e Gomes (2020), tendo em vista as abordagens realizadas pelas referidas autoras sobre as questões étnico raciais.

**Palavras-chave:** Identidade negra. Invisibilidade. Empoderamento. Beleza negra.

## **ABSTRACT**

The main objective of this research is to identify the main impacts caused by the standard of beauty imposed by society on black women, as well as to promote a reflection on resignifying the concept of beauty, considering the importance of valuing black beauty in all its diversity, promoting self-acceptance, empowerment and appreciation of Afro-Brazilian culture. For the development of this study, bibliographic research will be used for the collection and production of data, in which we brought to the theoretical basis of this study the contributions of Ribeiro (2019) and Gomes (2020), in view of the approaches made by the aforementioned authors on ethnic-racial issues.

**Keywords:** Black identity. Invisibility. Empowerment. Black beauty.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Poro hair and Beauty Culture.....	16
Figura 2 - Vênus hotentote.....	32
Figura 3 - Vênus hotentote.....	32
Figura 4 - Dandara dos Palmares.....	40
Figura 5 - Maria Firmina dos Reis.....	41
Figura 6 - Antonieta de Barros.....	41
Figura 6- Conceição Evaristo.....	42
Figura 7 - Maria Júlia Coutinho.....	43

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>2. BREVE PERCURSO HISTORIOGRÁFICO DA MULHER NEGRA NO BRASIL.....</b>	<b>15</b>
2.1 HISTÓRIA SOCIAL.....	15
2.2 HISTÓRIA ECONÔMICA.....	18
2.3 HISTÓRIA CULTURAL.....	20
<b>3. EM BUSCA DA CORPOREIDADE.....</b>	<b>26</b>
3.1 CORPOS ANCESTRAIS.....	26
3.2 CORPOS PADRÃO.....	28
3.3 CORPOS OBJETO.....	29
<b>4.EVOLUÇÃO E PERTENÇA DA IMAGEM CORPORAL DA MULHER NEGRA.....</b>	<b>35</b>
4.1 RESSIGNIFICAÇÃO DO CORPO DA MULHER NEGRA.....	37
4.2 CONHECIMENTO E PERTENCIMENTO DO CORPO NEGRO.....	38
4.3 RESULTADO E DISCUSSÃO ATRAVÉS MANIFESTAÇÃO, EXPRESSÃO, CUIDADO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA.....	40
<b>5. REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>44</b>
<b>6. METODOLOGIA E NATUREZA DAS FONTES.....</b>	<b>46</b>
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Para melhor compreensão dos caminhos que percorri até chegar ao tema dessa pesquisa, apresento primeiramente, nesta introdução uma breve trajetória da minha vida pessoal, acadêmica e profissional. Nesse sentido, como me descobri mulher preta está relacionada a minha jornada de autodescoberta, a qual considero como uma experiência única, cheias de descobertas e de forma tardia. Com efeito, cabe destacar para muitas mulheres negras, esse caminho pode ser repleto de desafios, mas também de momentos de profunda revelação e aceitação. Descobrir-se mulher preta é uma experiência que envolve reconhecer a própria identidade, história e cultura, além de enfrentar e superar os estereótipos e preconceitos que a sociedade impõe.

Na primeira infância, muitas meninas negras podem não ter plena consciência de sua identidade racial. No entanto, Brinquedos, programas de TV e materiais escolares geralmente refletem padrões que não as representam. Esse é um período em que a autoimagem pode ser influenciada por normas sociais que não incluem a diversidade racial. Sendo assim, compreende-se que a família é o primeiro núcleo social, no meu caso o que dificultou essa descoberta, foi o fato de ter nascido em uma família mestiça, na qual foram negligenciados momentos de discussões sobre ancestralidade e cultura, por falta de conhecimento. Portanto, os modos de experiências vivenciadas interferiram no pertencimento da minha identidade e autoimagem assim como na construção de estima por mim mesmo, esses processos múltiplos e complexos, tornaram-se desejo e mudança e busca por conhecimento afim de descobertas e pertencimento.

Sobre educação e representatividade, na escola, mesmo com a inclusão sobre a história e a cultura afro-brasileira em seu currículo, no meu caso, não foi trabalhado de forma positiva aspectos como a herança, cultura e tradição. Na adolescência, foi um período de intensas mudanças e descobertas. Para uma jovem negra, essa fase trouxe à tona questões de identidade racial de maneira mais intensa, com muitos conflitos, traumas, negações, muita pressão social e problemas com a valorização estética. Com isso, a busca por aceitação levou-me ao desejo de se adaptar a padrões de beleza eurocêntricos, muitas vezes em detrimento de suas características naturais.

Já na fase adulta, pude buscar conhecimento, trabalhar a aceitação da identidade como mulher preta, consolidando um sentimento de empoderamento, orgulho e pertencimento. Além disso, pude encontrar referências em figuras públicas, tais como artistas: ativistas e intelectuais negras, no trabalho e na vida social mulheres, que foram fonte de inspiração como minha ex-diretora, Érika Almeida Furtado e a professora Cristina Maria Souza Silva, que me fizeram compreender a própria beleza e força, como mulher preta, muitas vezes se torna uma fonte de orgulho e motivação para enfrentar desafios diários.

Descobrir-me como mulher preta está tem sido um processo contínuo de aprendizado, resistência e celebração. Libertei-me quando entendi que o meu corpo, é um resultado político, histórico, cultural e ancestral, que me trouxe ao lugar que estou hoje. Sendo assim, o que fui e o que vou ser, implica em um caminho que envolve a revalorização da própria história e a luta por igualdade e respeito. Nessa jornada, busco encontrar a minha essência, unindo-as em uma rede poderosa de identidade e solidariedade. Nesse percurso, busco sempre participar de grupos e movimentos voltados para questões raciais visando fortalecer a autopercepção e oferecer um senso de comunidade e pertencimento, podendo assim ser fonte de inspiração, conhecimento, pertencimento e ancestralidade para minha filha, minhas alunas e tantas outras meninas e mulheres, que sonham com a liberdade de ser simplesmente livres de padrões.

O interesse em realizar esse tema de pesquisa surgiu pelo fato de como mulher negra vivenciar inquietações causadas pelas observações quanto à imposição do padrão de beleza da mulher brasileira. Outro fator que motivou a escolha dessa temática está vinculado à minha trajetória acadêmica e profissional, tendo em vista as abordagens realizadas por meio de leituras e reflexões. Esse interesse crescente pela valorização da beleza da mulher negra e conhecimentos relacionados à minha formação em História, dando origem ao meu objeto de estudo, que consiste na investigação dos aspectos sociais e culturais relacionados à imposição do padrão de beleza da mulher, identificados e explicados a partir dos estudos realizados. Além disso, pode-se observar que existem ainda poucos estudos relacionados à mitologia da beleza e o impacto na identidade negra.

É consenso que a busca pela beleza ideal, trata-se de um fenômeno universal e atemporal que tem influenciado a humanidade ao longo do tempo. No entanto, a definição de beleza não é fixa; ela é moldada por contextos culturais, históricos e sociais específicos. Dessa forma, evidencia-se que no Ocidente, a mitologia da beleza tem sido dominada por padrões eurocêntricos que privilegiam traços como a pele clara, os cabelos lisos e os olhos claros. Sendo assim, esses padrões de beleza, amplamente disseminados pela mídia e reforçados por sistemas de poder e opressão, o apagamento e invisibilidade da beleza da mulher negra na sociedade.

No Brasil, é evidente a valorização do padrão de beleza europeu, assim, evidencia-se o racismo e a discriminação vivenciado na contemporaneidade. Existe uma distorção no que diz respeito as características físicas, caso essas não sejam tipicamente europeias são consideradas inferiores. Esses fatores contribuem para invisibilidade da beleza negra. Cabe destacar que desde a Revolução Industrial

[...] as mulheres ocidentais de classe média vêm sendo controladas tanto por ideais e estereótipos quanto por restrições de ordem material. Tal situação, exclusiva desse grupo, revela que as análises que investigam as “conspirações culturais” são plausíveis apenas em relação a elas. A ascensão do mito da beleza foi somente uma dentre as várias ficções sociais incipientes que se disfarçam como componentes naturais da esfera da esfera feminina para melhor encerrar as mulheres que ali estavam. (Wolf, 2020, p.33)

Diante dessa problemática, tomamos como ponto de partida o seguinte questionamento:

Quais são os impactos causados pelo padrão de beleza imposto pela sociedade em mulheres negras? Visando responder esse questionamento, o objetivo principal desse estudo foi identificar os principais impactos causados pelo padrão de beleza imposto pela sociedade em mulheres negras.

Ao alcance do objetivo principal elencamos os seguintes objetivos específicos:

- a) conhecer, por meio de consulta bibliográfica, como se deram os padrões de beleza imposto pela sociedade;
- b) verificar aspectos sobre os processos da política, história, economia e cultura com relação a invisibilidade da beleza negra;
- c) Promover uma reflexão em como ressignificar o conceito de beleza, celebrando a beleza negra em toda sua diversidade, promovendo a autoaceitação, o empoderamento e a valorização da cultura afro-brasileira.

Mediante o que foi explicitado até o momento, elencamos outros questionamentos relacionados à temática abordada:

- Como se deram os processos sobre a trajetória historiográfica social, econômica e cultural da mulher negra no Brasil?
- Quais os acontecimentos históricos marcaram a busca pela corporeidade?
- Os aspectos de imposição de padrão europeu de beleza perpassam e impactam o pertencimento e identidade das mulheres negras?

A justificativa dessa pesquisa consiste no fato de um padrão de beleza imposto pela sociedade, que traz como consequência o racismo estético. Sendo assim, afeta muitas pessoas, uma vez que ocorre a negação aos traços físicos negros, como o formato do nariz e a boca, a estrutura óssea e os cabelos.

Este estudo justifica-se, ainda, por apresentar as muitas possibilidades de compreensão relacionados à imposição do padrão de beleza da mulher. Nessa perspectiva, este trabalho pode proporcionar uma reflexão sobre a necessidade de valorização da mulher negra. Além disso, serve como subsídio para os docentes de História e demais interessados, com vistas a possibilidades didáticas de um trabalho sistemático sobre esse tema.

A presente pesquisa assume relevância à medida que se propõe a refletir sobre a mitologia da beleza e o impacto na identidade negra, considerando a necessidade de valorização da beleza negra. Logo, torna-se imprescindível a discussão sobre esse tema, haja vista que apesar da evolução e valorização da mulher negra, há ainda preconceito, racismo e discriminação.

Com essa pesquisa, avaliamos a possibilidade de investigar e compreender melhor o percurso da mulher negra na sociedade, tendo em vista o trabalho escravo, a objetificação do corpo e a imposição do padrão europeu de beleza da mulher.

Para o desenvolvimento desse estudo, foi utilizada para a coleta e produção dos dados, a pesquisa bibliográfica, na qual trouxemos para o embasamento teórico desse estudo as contribuições de Ribeiro (2019) e Gomes (2020), tendo em vista as abordagens realizadas pelas referidas autoras sobre as questões étnico raciais. Torna-se necessário compreender que as mulheres negras escravizadas eram tratadas como mercadoria, propriedade, portanto não tinham escolha (Ribeiro, 2019, p.84).

Nessa perspectiva, busca promover uma reflexão sobre ressignificar o conceito de beleza, celebrando a beleza negra em toda sua diversidade, promovendo a autoaceitação, o empoderamento e a valorização da cultura afro-brasileira. Nesse sentido, entendemos que esse arcabouço é fundamental para a compreensão do tema abordado e para o desenvolvimento das análises da realidade histórico, econômico, social e cultural. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica.

Nesse percurso metodológico apresentamos, detalhadamente, como será desenvolvida cada etapas desenvolvidas no decorrer da pesquisa. No primeiro momento, realizamos a revisão de literatura visando encontrar estudos de trabalhos que estabelecem alguma correspondência com a temática de pesquisa. No segundo momento, realizamos a revisão bibliográfica, tendo em vista a leitura de textos que balizarão as análises pretendidas. No terceiro momento, a leitura e análise do material selecionado, em seguida fizemos a categorização dos dados e por fim as análises sob as perspectivas e contribuições do nosso referencial teórico.

Para melhor compreensão sobre a abordagem do nosso tema de pesquisa, estruturamos o trabalho da seguinte maneira: 1) Introdução, 2) Breve percurso historiográfico social, econômico e cultural da mulher negra no Brasil, 3) A busca da corporeidade, 4) A evolução e pertença da imagem corporal da mulher negra e, por fim, as considerações finais. No que diz respeito ao primeiro capítulo, apresentamos o problema de pesquisa, bem como objetivo e justificativa da pesquisa. Além disso, apresentamos as motivações para realizar essa pesquisa.

Em seguida, evidenciamos o breve percurso historiográfico social, econômico e cultural da mulher negra no Brasil, o que implica na história social, história econômica e história cultural. O segundo capítulo, traz à tona que as mulheres infelizes possuíam peles escuras e lívida, desfigurada por espinhas, manchas e outras imperfeições poderiam adquirir uma compleição tão perfeita quanto a desejada usando o tratamento de beleza negra e branca.

Nessa perspectiva, no terceiro capítulo, abordamos a busca da corporeidade, tendo em vista os corpos ancestrais, o corpo padrão e o corpo objeto. Concatenamos que muitas vezes por conta do racismo, muitas mulheres negras se sentem constrangidas e envergonhadas. Para além disso, ações de cunho preconceituoso e discriminatório com relação às características físicas da mulher negra culminam na baixa autoestima.

Além disso, no quarto capítulo trouxemos alguns aspectos relevantes sobre a evolução e pertença da imagem corporal da mulher negra, ressignificação do corpo da mulher negra, conhecimento e pertencimento do corpo negro e resultado e discussão através manifestação, expressão, cuidado e representação da mulher negra. Desse modo, destacamos nesse estudo que o corpo deve ser concebido como lugar de afeto.

A pesquisa aborda questões pertinentes sobre aspectos históricos, sociais, culturais da mulher negra. Sendo assim, vai ao encontro do que se propõe das reflexões propostas no Centro de Ciências Humanas e Naturais, especificamente, no Curso de graduação em História, da Universidade Federal do Espírito Santo.

## 2 BREVE PERCURSO HISTORIOGRÁFICO DA MULHER NEGRA NO BRASIL

### 2.1 HISTÓRIA SOCIAL

A *priori* torna-se fundamental compreender as expectativas que as pessoas depositavam no que se refere a importância dada pela indústria cosmética como afirmação das classes trabalhadoras negras. Nesse sentido,

[...] cremes faciais, capilares, sabonetes e loções foram importantes para moças migrantes. Eram trabalhadoras domésticas, lavadeiras, cozinheiras e babás que, no Sul, ganhavam menos de US\$ 1 por dia trabalhado e, ao desembarcarem no Norte, desejam *melhorar a aparência* para concorrer aos postos de operárias, enfermeira e secretárias. (Xavier, 2021, p.33)

Cabe ressaltar que, ainda que houvesse possibilidades para a valorização da beleza negra, elas eram limitadíssimas e com isso, essas pessoas permaneciam integrantes do grupo Negro e eram alvo opressão sensorial. Desse modo, torna-se necessário compreender que

[...] mulheres mulatas viviam vulneráveis às violências sexuais naturalizadas na cultura patriarcal. Sinhás desconfiadas das traições maritais infligiam castigos, torturas físicas em crianças e arquitetavam separações, por meio da venda de familiares dessas pessoas. Foi nesse contexto de afirmação negra limitada pelo racismo que mordomos, cozinheiras, pajens, damas de companhia e cocheiros formavam uma elite mulata, fundamentada no colorismo – ideologia racial produzida pela escravidão. (Xavier, 2021, p. 42)

Em se tratando de feminilidade, conforme Xavier (2021), as semelhanças entre Gussie e a fotografia de Srta. Alexander com toda sua “boa graça”, publicada em 1901 junto a narrativa de Adams Jr. Sobre a “feminilidade verdadeira” ajuda-nos a conhecer melhor a nova mulher negra:

Olhe para ela, mundo! E, você verá, não há ninguém melhor, eu juro! Se não houver ninguém mais puro, mais nobre, que tenha marcado preeminência no semblante do homem, da mulher, da criança, que lance suas brilhantes armas, bainhas e armaduras aos pés imaculados dela e use da própria vida que usufruir para defendê-la. Considerem-na, nações! Meçam-na com os padrões da perfeição humana. Meçam-na com os padrões da perfeição humana. Meçam-na com as mesmas escalas que são empregadas para medir rainhas, filhas e esposas dos homens nobres. E, depois de encerrado o teste da busca por seus méritos verdadeiros, ela será reconhecida não apenas pela beleza física, não apenas pelo encanto intelectual, mas pela energia moral, pela pureza do coração, pela morada do propósito e pela profunda consciência da verdadeira feminilidade, a mesma que das irmãs brancas ou vermelhas, ou das irmãs cor de oliva. E, então, deixem que todos os homens que tenham no sangue a unidade eterna da fraternidade estadunidense, homens cujas tradições retrocedem dois séculos e maio de escravidão cruel e, pior, de ignorância forçada; eu digo, que todos os homens, mesmo aqueles que não são um de nós, homens que amam as mulheres

pela causa das mulheres, que lancem sua própria vida e ventos incertos quando a honra dela estiver em jogo. (Xavier, 2021, p.71)

A partir da concepção sobre mulher verdadeira passamos a ideologia no que tange a cultura com relação a aparência da mulher negra. Desse modo, evidenciamos a necessidade da compreensão e reflexão sobre a abordagem desse tema.

Sob esse viés, no século XX, nos EUA surgiu uma era considerando o termo "melhorar" a aparência afro-americanas especificamente, tendo em vista dois produtos específicos para cuidados pessoais: creme para clarear o rosto e corpo, bem como tônicos de crescimento capilar.

Ademais, na referida época eram apresentadas ao público diversas propagandas de anúncios de produtos desse tipo, especificamente, voltados para as mulheres negras, os quais contemplavam boa parte das edições de muitos títulos com objetivo de público-alvo a "nação da imprensa negra" (Pride e Wilson, 1997). Nessa perspectiva, para melhor compreensão, apresentamos a seguir uma imagem que representa como era difundida a ideia da cultura da beleza, tendo em vista uma nova mulher negra.

**Figura 1** - Poro hair and Beauty Culture.



Fonte: <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47df-ac62-a3d9-e040-e00a18064a99>.

Acesso em 06 de set. de 2024.

No que tange a estética *art nouveau* foi utilizada pela Poro, o objetivo era difundir a ideia de cultura da beleza construída pela imagem de uma “nova mulher negra”, dedicada e elegante. Desse modo, além de reforçar os estereótipos femininos de “bela, recada e do lar”, autoriza mulheres negras a se projetarem através de lugares historicamente negados. (Xavier, 2021)

Considerando os aspectos da cosmética negra, a proposta era clarear a pele era das mulheres tendo em vista a compleição escura melhorarem de vida e alcançarem a equidade racial, individual e familiar. Sendo assim, o anúncio “Conselhos para compleições escuras”, era recomendações de Dr. Palmer definia a beleza tendo em vista o estereótipo de pele branca e um cabelo exuberante. Para isso, com o propósito de alcançar a beleza, o uso de um sabonete e uma pomada facial que branqueavam a pele e de um creme capilar que alisava e fazia o cabelo crescer. (Xavier, 2021)

Nesse viés, conforme a referida autora, o alisamento foi uma prática de autocuidado capilar que se popularizou na virada do século XIX, nos Estados Unidos e na diáspora. Além disso, mais do que embranquecer alisar o cabelo, relacionava-se ao investimento da feminilidade "respeitável, que era associada a uma imagem livre, urbana e moderna. Nesse sentido, a propaganda, apresentava como solução um pente quente de alisamento elétrico, prometia tornar o cabelo menos frisado e sem queda, ou seja, tinha como objetivo modificar o cabelo das mulheres negras.

Outro aspecto relevante é a propaganda de Plough Chemical, apresentava a força da beleza da mulher, em que a felicidade feminina está relacionada a bochechas rosadas, além de compleição sem imperfeições. Logo, traz à tona que as mulheres infelizes possuíam pele negra, com espinhas, manchas e outras falhas, portanto, tais mulheres poderiam adquirir uma compleição perfeita usando o tratamento de beleza negra e branca. Xavier (2021). Dessa maneira, as mulheres, principalmente, negras que buscam ser admiradas, amadas e respeitadas, sentiriam na pele os altos preços da opressão capitalista, racial e de gênero tendo em vista a sociedade em que está inserida.

Para Santos (2009), “Ser mulher e negra no Brasil significa está inserida num ciclo de marginalização e de discriminação social.” Desse modo, ficam evidentes os atos violentos, assim como também o machismo e o racismo na contemporaneidade. Logo, visam desumanizar as mulheres, negar-lhes a condição de pessoas e

transformá-las em “objetos”. E com isso, dificulta a superação das dificuldades que se impõe na busca da sua cidadania, pois, há poucas mulheres negras que conseguem ascender socialmente.

Dessa forma, torna-se necessário uma reflexão sobre os fatos sobre a feminilidade verdadeira. Tendo em vista os aspectos, apresentamos a seguir uma abordagem relacionada a história econômica.

## 2.2 HISTÓRIA ECONÔMICA

No que se refere às questões econômicas, Wolf (2022) destaca que todos os sistemas de trabalho que dependem de coação de uma mão de obra, forçando-a aceitar condições más e remuneração injusta, reconheceram a eficácia de manter essa mão de obra exausta para impedir que ela se rebele.

Fazer as mulheres se sentirem feias, gordas e inadequadas é uma das estratégias usadas pela indústria da beleza para aumentar ainda seus lucros. Quanto menos gastarmos do nosso corpo, mais dinheiro vamos gastar com produtos e tratamentos para tentarmos ficar mais magros e bonitos. A lista é longa: dietas milagrosas, superalimentos, sopas, shakes, remédios e fórmulas para emagrecer, hormônios, anabolizantes, cirurgias plásticas, centenas de tipos de procedimentos estéticos, aparelhos de musculação para ter em casa, cremes, maquiagens, botox, procedimento, laser, roupas, sapatos, revistas de dietas de boa forma, modeladoras, apliques de cabelo, cílios postiços, unhas postiças, peitos e bumbuns de silicone, whey protein, suplementos e muito mais. (Garbin, 2017, p. 97)

Inseridas num contexto de emergência do capitalismo industrial, essas empresas afirmavam-se portadoras de uma “mensagem da nova beleza”. Conectada às teorias eugenistas,<sup>1</sup> a nova beleza fundamenta-se em noções de pureza, naturalidade e saúde perfeita, retratada em imagens femininas fantasmagóricas, que representavam o aperfeiçoamento da raça branca e a limpeza profunda dos corpos.

---

<sup>1</sup> Criado pelo inglês Francis Galton (1822 – 1911), o conceito de *eugênia* defende a ideia de um aperfeiçoamento genético da raça humana. O termo foi criado pelo cientista inglês Francis Galton (1822 - 1911), em 1883. A palavra eugenia deriva do grego e significa "bom em sua origem ou bem nascido". A eugenia defende que raças superiores e de melhores estirpes conseguem prevalecer de maneira mais adequada ao ambiente.

Para isso, Xavier (2022) corrobora ao explicitar aspectos sobre a nova cultura da beleza, que estabelece a imposição de que para alcançar a beleza precisa ter a pele vibrante, iluminada, límpida, brilhosa, clara, aberta, purificada.

Nesse sentido, a referida autora esclarece que normatizar a brancura como padrão universal, o que implica na limpeza urbanidade e progresso, tendo em vista a indústria da beleza, com sua publicidade, será um dos principais espaços de popularização da eugenia e dos valores supremacistas brancos. Em contraposição, o mercado, através das propagandas, associará imagens de pessoas negras e indígenas a produtos do trabalho doméstico (farinhas, detergente, óleos) e ao consumo Xavier (2022).

#### **Conselhos de Beleza para Compleição Escuras**

Se você quer ser respeitada, admirada e amada por todo mundo, certifique-se de que tem uma compleição bonita, livre de marcas e manchas e um cabelo macio e devidamente penteado. Seu melhor amigo é um visual, aqui [a orientação de] como mantê-lo:

PARA BRANQUEAR A PELE – não importa quão escura é sua compleição, de forma simples e fácil você usará somente a pomada *Dr. Fred Palmer's Skin Whitener* – [ilegível] [sua] descoloração rápida garante o uso perfeitamente seguro e prazeroso [Adquira] no seu farmacêutico ou mediante envio de cupom pago no valor de US\$ 0,25.

COMPLEIÇÕES OLEOSAS, BRILHANTES, DEFEITUOSAS.

\_ logo dão lugar a uma pele macia, suave e aveludada depois de usar sabão *Dr. Fred Palmer's Skin Whitener* seguido de sua pomada fácil, dedicadamente perfumada. Tente isso e assista á melhora de sua pele. [Adquira] no seu farmacêutico ou mediante envio de cupom pago de US\$ 0, 25.

VOCÊ DEVE TERE UM CABELO SUAWE E EXUBERANTE

- e a melhor e mais segura maneira de conseguir isso é usado o *Dr. Fred Palmer's Hairdresses* – ele deixa [?] o cabelo liso, promove seu crescimento e limpa o couro cabeludo. [adquira] no seu farmacêutico ou mediante envio de cupom pago no US\$ 0, 25. (Xavier, 2021, p. 78)

Diante desses conselhos apresentados, torna-se evidente a tentativa de invisibilizar a beleza negra, considerando os padrões impostos pela sociedade. Tendo em vista tais padrões impostos, Gonzalez (1984), corrobora com informações pertinentes sobre o percurso da história da mulher negra, tendo em vista, especificamente, na época carnavalesca, em que é considerada um objeto de desejo

dos brancos. Cabe destacar ainda, que outra vertente dessa mulata está relacionada a mulata como doméstica no dia a dia.

Outro fator relevante está relacionado a mulher negra escravizada, a qual era selecionada para trabalhar nas casas dos senhores. Nesse sentido, Gonzalez (1984), destaca que naturalizados pelo passado colonial, a mulher negra era considerada como serviçal e objeto sexual dos seus senhores, no entanto, ainda é vigente mesmo com a transformação do sistema. A referida autora ainda destaca outro estereótipo é o de mãe-preta, que se caracteriza como uma figura de resistência que passou para frente aos ensinamentos, o “pretoguês” e incitou a cultura afro-brasileira.

Tendo em vista esses acontecimentos, torna-se imprescindível uma reflexão sobre o contexto econômico muitas vezes negligenciado a população negra. Isso fica evidente desde os primórdios do tempo e perpetua até os dias atuais.

[...] luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento negro, a “raça”, e, por conseguinte, a identidade de racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação. (Domingues, 2007, p. 102).

Sob essa óptica, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PnadC-IBGE), destaca que no segundo trimestre de 2023, o mercado de trabalho ainda é espaço de reprodução da desigualdade racial. Desse modo, tanto a inserção quanto as possibilidades de ascensão são desiguais para a população preta e parda. Além disso, as mulheres negras acumulam as desigualdades não só de raça, mas também de gênero.

### 2.3 HISTÓRIA CULTURAL

Evidenciamos, portanto, a necessidade de abordagem considerando a importância da compreensão sobre alguns aspectos da história da cultura. Nesse sentido, Wolf (2022, p.92) destaca mulheres de classe média foram isoladas do mundo, separadas uma das outras, tendo sua tradição submersa a cada geração, elas

dependem mais do que os homens dos modelos culturais à disposição, e é mais que provável que sejam influenciadas por eles.

A autora ressalta que o *Monuments and Maidens* [Monumentos e donzelas], obra de Marina Warner, esclarece como acontece de nomes e rostos de indivíduos do sexo masculino serem homenageados em monumentos, sustentados por mulheres de pedra, idênticas, anônimas (e “lindas”). Essa situação vale para a cultura em geral. Por terem poucos modelos a limitar no mundo real, as mulheres as procuram nas telas e nas revistas femininas.

Wolf (2022) acrescenta que esse padrão, que descarta indivíduos, se estende desde a cultura de elite até a mitologia popular. Conforme a referida autora, as mulheres se observem sendo olhadas, isso determina não só as relações entre os homens e as mulheres, mas também considerando a relação das mulheres consigo mesmas.” A famosa citação do crítico John Berger vale para toda a história da cultura ocidental e nos nossos dias mais verdadeira do que nunca.

Os homens são expostos a modelos de moda masculina, mas não os consideram figuras-*modelo*. Por que as mulheres tem uma reação tão intensa ao que no fundo não é nada - imagens, recortes de papel? Será sua identidade tão fraca assim? Porque elas acham que devem tratar “modelos”-manequins – como se fossem “modelos” – paradigmas? Por que as mulheres reagem diante do “ideal”, qualquer que seja a forma que esse ideal assuma no momento, como se se tratasse de mandamento inquestionável. (Wolf, 2022, p.93)

Gomes destaca (2020) que o corpo é natureza, na medida em que é do mesmo tecido das coisas do mundo e é submetido a elas, vive em relação e essas coisas e é dependente, também, do domínio biológico. Entretanto, transcende essas imposições: corpo é também cultura, pois o homem ultrapassa fronteira do animal, institui níveis da ordem simbólica, transforma o mundo, cria e recria culturas. Além disso, compreendemos que há no

[...] corpo entrelaçamento entre natureza e cultura, pois os gestos mais simples, como um sorriso de criança, a alegria, a tristeza etc., são tanto naturais quanto culturais. O corpo deixa de ser um “mecanismo cego” ou a soma de sequências causais independentes. Assim, não há, então, homem-em-si, mas homem em situação. Nesse sentido, o corpo não tem um papel de passividade inércia, mas sim o de colocar-nos em contato com o outro mundo. (Carmo, 2000, p.81-82).

No que diz respeito a cultura e a história as identidades sociais podem ser compreendidas com todas elas, e não apenas a identidade racial, mas também as

identidades de gênero, sexuais, de nacionalidade e de classes. Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que estes são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Desse modo, reconhecer-se numa identidade supõe, portanto, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

Nesse processo, nada é simples ou estável, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes, ou até contraditórias. Somos, então, sujeitos de muitas identidades e essas múltiplas identidades sociais podem ser, também, provisoriamente atraentes, parecendo-nos, depois, descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. Somos, desse modo, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Por isso as identidades sociais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural. (Louro, 1999).

Considerando os aspectos mencionados com relação a identidade da mulher negra, torna-se fundamental a abordagem do feminismo negro BraSI. Para isso, na obra intitulada “Memórias da Plantação”, Kilomba (2020) retrata as práticas que no colonialismo era comum amarrar a boca do/a escravizado/a com uma máscara do silenciamento, uma ferramenta metalizada que era usada pelos senhores no intuito de controlar os corpos escravizados. Cabe ressaltar que no Brasil, o movimento feminista teve início no século XIX com o que chamamos de primeira onda. Nela, o principal nome Nísia Floresta, as reivindicações eram voltadas a assuntos como direito e à vida pública. (Ribeiro, 2018)

Nessa perspectiva, o Movimento de Mulheres Negras, surgiu no Brasil em 1970, no bojo do ressurgimento das lutas feministas e antirracistas, com a reivindicação de pautas que envolvessem as categorias de gênero e raça. Nesse sentido, o feminismo negro se fortalece a partir da década de 1980, com a realização do I Encontro Nacional de Mulheres Negras, em Valença, no Rio de Janeiro, em 1988, e o número de mulheres negras que participavam crescia significativamente nos Encontros Nacionais Feministas, bem como nos Encontros Feministas Latino-Americanos e do Caribe e na Conferência Mundial das Mulheres.

Enegrecer o movimento feminista brasileiro tem significado, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência contra a mulher pela introdução do

conceito de violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área de saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a “boa aparência”, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras. (Carneiro, 2011, p. 3).

Sob esse viés, é importante ressaltar que luta feminista e antirracista brasileira também se configura como uma afirmação histórico-cultural fortalece o reconhecimento da presença e da potência de aspectos africanos no contexto do continente americano.

Dessa forma, Gonzalez (1988) defende que “amefricanidade” é um termo que evidencia a junção do americano e africano. Sendo assim, a referida autora destaca que o processo histórico de intensa dinâmica cultural implica em diversos aspectos, dentre eles: adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas, considerando que articula elementos relacionados a cultura ancestralidade ameríndia e africana, que muitas vezes são manifestados por meio da linguagens, músicas, danças, sistemas de crenças etc. de diversos países americanos, considerando contribuições negra bem como no seu acobertamento histórico tendo em vista a ideologia do branqueamento.

Nesse âmbito, outro aspecto importante no percurso da história da mulher negra teve início a década de 1990 e foi alavancada por Judith Butler, em que começou-se a discutir os paradigmas estabelecidos nos períodos anteriores, colocando-se em discussão micropolítica. As críticas de algumas dessas feministas vêm no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente, porque milhares de mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir e refletir sobre questões relacionadas ao gênero e raça, considerando as especificidades de cada uma. (Ribeiro, 2018)

É essencial para prosseguimento da luta feminista que as mulheres negras reconheçam a vantagem especial que nossa perspectiva da marginalidade nos dá e façam uso dessa perspectiva para criticar a dominação racista, classista e sexista, para refutá-la e criar uma contra-hegemonia. Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na realização da teoria feminista e uma contribuição e oferecer que é única e valiosa. (Ribeiro, 2018)

Numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais se torna necessário o aporte e prático que feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório. (Ribeiro, p.127)

Ribeiro (2019) destaca que “muitas vezes atores negros são contratados para atuarem como “bandido” ou “bêbado”, no caso dos homens, ou como empregada doméstica ou “gostosa”, no caso das mulheres” (Ribeiro, 2019, p.74). A referida autora ainda destaca que as mulheres negras são ultrassexualizadas desde o período colonial. No imaginário coletivo brasileiro, propaga-se a imagem de que são “lacivas”, “fáceis” e naturalmente sensuais” (Ribeiro, 2019, p.83).

Nesse sentido, a questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber” (Ribeiro, 2019). Conforme Souza (2017), estereótipos são generalizações impostas a grupos sociais específicos, geralmente aqueles oprimidos. Sendo assim, numa sociedade machista, impõe-se a criação de papéis de gêneros como forma de manutenção de poder, negando-se a humanidade às mulheres.

No que diz respeito, a identidade é importante compreender que

[...] as possíveis raízes históricas do conflito rejeição/aceitação, tentei, mais do que pontuar a existência dessa relação, destacar que os processos históricos, sociais e culturais são partes integrantes da construção da identidade negra, da conformação da subjetividade e ocorrem de maneira concomitante à emocionalidade dos sujeitos (Gomes, 2020).

Nessa perspectiva, há uma necessidade de melhor entendimento sobre o pertencimento e a valorização dos negros, tendo em vista que muitas vezes há a invisibilidade ou o apagamento da identidade devido ao racismo e preconceito.

Cabe destacar, portanto, que diante desse contexto em que buscamos apresentar brevemente aspectos relacionados ao percurso histórico da mulher negra no Brasil, tendo em vista implicações sociais, econômicas e culturais, podemos inferir que apesar dos movimentos realizados que trouxeram o direito de igualdade de direitos, ainda é evidente a necessidade de uma conscientização sobre situações inerentes relacionadas ao tema abordado.

Evidenciamos que nos aspectos sociais as mulheres sempre foram inferiorizadas devido a imposição de um padrão de beleza que valoriza o padrão americano invisibilizando a beleza da mulher negra. Outro aspecto é ausência de

valorização e respeito ao trabalho, que diretamente afeta na economia, nas condições de vida das mulheres negras que ainda sofrem com preconceito e discriminação.

Dessa forma, evidenciamos a relevância da abordagem desse tema no intuito de conscientização dos direitos e valorização da beleza da mulher negra no Brasil, bem como a invisibilidade em diferentes aspectos relacionados ao trabalho e a cultura na sociedade brasileira.

### 3 EM BUSCA DA CORPOREIDADE

Neste capítulo, abordamos questões relacionadas a corporeidade da mulher negra tendo em vista aspectos relacionados aos seus ancestrais, ao corpo padrão imposto pela sociedade e a contribuição da história de Sara Baartman, como a objetificação da mulher negra na sociedade. Dessa forma, evidenciamos a abordagem dessas questões para reflexão e conscientização da desigualdade social no que se refere a mulher negra. Sobre o papel da mulher negra,

A condição de mulher e negra, o papel histórico que as mulheres desempenham nas suas comunidades, a comunidade de destino colocado para homens e mulheres negras pelo racismo e pela discriminação impedem que os esforços de organização das mulheres negras possam se realizar dissociados da luta geral de emancipação do povo negro. Portanto, o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe. (Carneiro, 2002, p.181).

Sobre corporeidade Gomes (2011), fomenta que desde 2000, observa-se uma politização da estética negra através da afirmação da corporeidade, uma abordagem distinta daquela realizada no final dos anos 70 e começo dos 80 do século XX. A corporeidade negra e sua presença se sobressaem na cena pública em um processo tenso e ambíguo. Sendo assim, observamos um aumento na presença de negros na mídia, contudo, isso ainda é acompanhado pela denúncia do movimento negro sobre o contínuo lugar de subalternidade. Outro fator importante são campanhas e anúncios que colocam o negro no centro, mas ainda com estereótipos. Desse modo existe um aumento no uso de penteados no estilo 'black power estilizado', o uso de dreads por jovens brancos de classe média e uma maior preferência por tranças por mulheres negras e brancas jovens. Logo, pode-se afirmar que a sociedade ainda não compreende a significação da corporeidade e necessita de reflexões sobre esse tema.

#### 3.1 CORPOS ANCESTRAIS

Considerando a história da mulher negra, destacamos que os corpos ancestrais representam mais do que remanescentes físicos, pois podem ser considerados como testemunhos vivos de histórias, culturas e experiências que contribuem para moldar

as sociedades ao longo do tempo. Posto isso, compreende-se que corpos ancestrais transcendem a mera noção de hereditariedade, abarcando aspectos sociais, culturais e históricos. Para Martins (2002, p.89), “o corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente e veículo da memória”.

Historicamente, os modelos referentes a beleza permanecem por muito tempo ante de serem relativizados e ressignificados, tendo em vista que muitos fatores estão relacionados a cultura que muitas vezes massificam padrões e ao mesmo tempo singularizam (Braga, 2020).

Essa concepção de beleza que liga os atributos físicos às virtudes morais predominará até o século XVIII. Apenas a Era Clássica operará uma cisão entre dois eixos. Assim, ao lançar olhos sobre uma história de beleza numa longa duração, é possível ressaltar, com base nesses dois aspectos, a distinção entre uma concepção tradicional e uma concepção moderna da beleza. Na primeira, que, como já dito, tem seu domínio até o século XVIII, beleza e virtude são esferas que se confundem: nesse sentido a beleza seria “reflexo da bondade moral, (...) não tem autonomia, é a mesma coisa que o bem, toda perfeição física excluindo a feiura da alma e toda feiura exterior significando um vício interior”. Já a concepção moderna, por seu turno, operante a partir da Era Clássica, marca essa distinção na medida em que se limita a beleza ao domínio do corpo: “um valor autônomo distinto de qualquer valor moral (...). Pensada como uma qualidade física pura que tem apenas um valor estético e sexual. (Braga, 2020, p. 38-39)

Braga (2020) evidencia que as representações de vênus estão enquadradas e tendo em vista uma concepção tradicional, assim, o espelho da beleza bem como o corpo foi moldado considerando a imagem e semelhança do belo. Ainda conforme a referida autora durante a Idade Média o corpo feminino assumia o corpo do demônio, ou seja, o lugar do pecado. Braga (2020) acrescenta que apenas na

Idade Moderna a beleza feminina deixa de estar à sombra de um corpo viril para ser exaltada em seus atributos físicos e espirituais. Têm êxito a promoção da mulher enquanto *belo sexo*, símbolo máximo da beleza, obra-prima de Deus, musa inspiradora dos tantos hinos de louvor Lipovestsky lembra a declaração de Liébaud: “parece que Deus, ao criar o corpo da mulher, acumulou nele todas as graças que o mundo medieval poderia compreender”. Existe aqui, portanto, um deslocamento que vai do diabólico. (Braga, 2020, p.35)

Braga (2020, p. 81) enfatiza que o uso do turbante está relacionado às *nharas*, *nhanhãs*, *senoras*, *sinhares*, ou *donas* da África Ocidental, àquelas africanas que se uniram aos homens europeus e passaram às suas filhas mestiças a tradição. É importante salientar que as expressões e ações corporais do corpo negro refletem em suas linguagens a ancestralidade corporal, uma alusão aos movimentos e expressões realizados por seus ancestrais.

São muitas as ações repetidas das tradições ancestrais, outras foram adaptadas, algumas criadas ou fundidas, mas têm sempre no corpo possível, no corpo do trabalho, o principal elemento-base para realizar, nos momentos permitidos, a celebração da pessoa com a sua história, sempre marcada pela música e dança. (Sabino; Lody, 2011, p.80)

Tendo em vista as ações corporais do negro, passamos a abordagem de corpos padrão considerando as imposições da sociedade. Além disso, buscamos apresentar o corpo como linguagem tendo em vista a construção social dos padrões e as ideologias existentes.

### 3.2 CORPOS PADRÃO

Os corpos padrão são definidos por características físicas que se alinham com as normas culturais e sociais predominantes em um determinado contexto social. Desse modo, esses padrões podem variar com o decorrer do tempo e entre diferentes culturas, mas frequentemente exaltam um ideal de beleza que pode ser inatingível para a maioria das pessoas. Assim, a construção social desses padrões não apenas influencia a forma. Segundo Lélia Gonzalez, em seu livro “Por um feminismo Afro-latino-americano aponta que:

Branca para casar, mulata para fornicar, negra para trabalhar” tornou-se uma síntese privilegiada de como a mulher negra é vista na sociedade brasileira: como um corpo que trabalha, e que é super explorado economicamente, ela é uma faxineira, cozinheira, lavadeira etc. que faz o “trabalho pesado” das famílias de que é empregada; como um corpo que gera prazer e que é super explorado sexualmente, ela é a mulata dos desfiles de Carnaval para turistas, de filmes pornográficos etc., cuja sensualidade é incluída na categoria do “erótico-exótico. (Gonzalez, 2020, p. 154).

A relação entre estética, beleza e identidade negra presente no universo dos salões étnicos insere-se em um campo mais amplo e mais complexo: a dupla natureza do corpo (Gomes, 2020, p. 249). A referida autora destaca ainda que o corpo é uma linguagem, abrange a cultura tendo em vista algumas de suas partes como principais meios de comunicação. Nesse sentido, vale ressaltar que

O corpo é natureza, na medida em que é do mesmo tecido das coisas do mundo e é submetido a elas, vive em relação a essas coisas e é dependente, também, do domínio biológico. Entretanto, transcende essas imposições: o corpo é também cultura, pois o homem ultrapassa a fronteira do animal, institui níveis da ordem simbólica, transforma o mundo, cria e recria culturas.

Há no corpo entrelaçamento entre natureza e cultura, pois os gestos mais simples, como um sorriso de criança, a alegria, a tristeza etc., são tanto naturais quanto culturais. O corpo deixa de ser um mecanismo cego” ou a soma de sequências causais independentes. Assim, não há, então, homem-em-si, mas homem em situação. Nesse sentido, o corpo não tem um papel de passividade inércia, mas sim o de colocar-nos em contato com o outro e com um mundo. (Carmo, 2000, p.81-82)

As contribuições de Carmo (2000) nos auxiliam na compreensão sobre o corpo. Nesse sentido, Souza destaca que o negro muitas vezes é visto como o irracional, o feio, o ruim, o sujo, o sensitivo, o superpotente e o exótico são as principais figuras representativas da negritude. A autora evidencia ainda que cada uma dessas falas apresenta características de uma mensagem ideológica, que busca rejeição a contradição, a política e história.

Conforme os autores supracitados, evidenciamos alguns aspectos relacionados a imposição do corpo padrão na sociedade. Feiro isso, elencamos informações sobre o corpo como objetificação a fim de compreendermos melhor como isso acontece cotidianamente e como pode interferir na vivência da mulher negra na contemporaneidade.

### 3.3 CORPO OBJETO

A objetificação do corpo da mulher negra é uma influência que atravessa a história, refletindo as intersecções de raça, gênero e classe. Desde a época colonial até os dias atuais, esse corpo tem sido tratado como um objeto de desejo, exploração e controle. Historicamente, as mulheres negras eram frequentemente vistas através de lentes de identidade distorcidas que reduzem seus estereótipos. Nesse sentido, estudos aponta, que durante o colonialismo, imagens foram utilizadas para justificar a escravidão, sendo representadas como "exóticas" e "sensuais". Logo, infere-se que essa objetificação contribuiu para a desumanização das mulheres negras.

Os autores Boris e Cesídio (2007) esclareceram que uma nova forma de existir foi imposta às mulheres, forma essa que passou a valorizar a estética do corpo, sua independência financeira, posição social e profissional. Esses fatores contribuíram para a construção de uma nova subjetividade, uma nova forma de se perceber no mundo, quicá de objetificação. Conceito este que parte de um processo que atribui ao ser humano a ideia de um material simbólico cabível de utilização, além de ser dominado pelo outro. A objetificação do corpo feminino está atrelada à banalização da imagem da

mulher, em relação a sua aparência física, como ela deve agir, como deve se parecer e, principalmente, em relação ao tamanho e formato que seu corpo deve ter. (Santos; Trindade; Santos, p. 125, 2020)

Sob essa perspectiva cabe destacar que a mídia desempenha um papel fundamental no que tange a perpetuação da objetificação do corpo da mulher negra. Mediante isso, destacamos que filmes, música e publicidade, suas representações muitas vezes se restringem a papéis estereotipados que enfatizam a sexualidade e a hipermasculinidade. Assim, compreende-se que esse tipo de representação não apenas marginaliza aspectos relacionados as mulheres negras, mas também reforça narrativas que os envolvem como meros objetos. Neste sentido o Dossiê Violência Contra as Mulheres (2015) assim discorrem referindo-se a imagem da mulher negra:

A reflexão sobre a imagem das mulheres também é uma parte importante do enfrentamento a estereótipos discriminatórios que autorizam violências. No caso específico das mulheres negras, no Brasil, esses estereótipos são agravados pela carga histórica escravagista de objetificação e subalternidade que reforçam mitos racistas como o da mulher negra hipersexualizada sempre disponível. (Instituto Patrícia Galvão, 2015, p. 5).

Um exemplo de objetificação da mulher está relacionado à imagem da *globeleza*<sup>2</sup> a ser passada na televisão era de uma mulher negra, nua, com o corpo pintado e sambando como uma passista. Cabe ressaltar que nunca se disse que deveria ser uma mulher negra, mas sempre foi. Nessa perspectiva, observa-se que na sociedade há um estereótipo de que o samba ou a capoeira estão no sangue, sendo relacionados às pessoas negras.

Mulheres que têm problemas com o corpo e têm baixa autoestima podem se tornar vítimas de relacionamentos emocionalmente abusivos, muitas vezes sem perceber. Para um relacionamento ser abusivo, não precisa existir agressão física ou sexual. Qualquer pessoa – um namorado, uma namorada, o marido, a esposa, um amigo ou o chefe - pode machucar você duramente apenas com palavras. Quando isso acontece entre parceiros, os efeitos parecem ser ainda mais dolorosos, e é comum que uma pessoa diminua tanto o amor-próprio da outra a ponto de fazê-la acreditar que não tem valor nenhum. A tática de deixar uma mulher insegura em relação à sua aparência e à capacidade intelectual é muito poderosa e uma ferramenta de controle eficaz. Uma mulher emocionalmente insegura se torna frágil, isolada, fácil de manipular e de garantir que, mesmo maltratada, vai permanecer na relação porque não consegue reagir e seguir em frente. Ela fica com autoestima tão destruída que tem medo de que nenhum outro homem se interesse por ela.

---

<sup>2</sup> *Globeleza* é a cobertura do carnaval do Brasil feita pela TV Globo. Que exhibe os desfiles das escolas de samba de São Paulo e do Rio de Janeiro e os carnavais de rua de Salvador, Recife e Olinda. O nome era também dado à mulher que sambava nas vinhetas da emissora, pelo qual consagrou a carreira da dançarina Valéria Valenssa, que por 14 anos foi a *Mulata Globeleza*.

Assim, se torna ao mesmo tempo prisioneira e dependente do agressor. (Garbin, 2017, p.168)

Consideramos crucial apresentar, de forma breve, o percurso de uma mulher negra tendo em vista a importância de sua trajetória como enfrentamento ao abuso e exploração sexual. Nesse sentido, conforme a Biografia de Mulheres Africanas<sup>3</sup> (2021)<sup>4</sup> Sara Baartman, nasceu em uma Colônia do Cabo oriental e foi criada pelo pai. No entanto, a comunidade em que ela vivia sofreu um ataque dos boêres<sup>5</sup>, foi considerada pelo médico Alexander Dunlop, exótica devido ao tamanho de suas nádegas e órgãos genitais. Além disso, foi escravizada na atual África do Sul, levada para a Europa e exposta fisicamente, sendo, portanto, alvo de admiração tendo em vista a exploração sexual, participou de um programa com apresentações de canto e dança, e por fim, ficou conhecida como Vênus Hotentote. A Biografia de Mulheres Africanas (2021), ressalta que

Sara Baartman faleceu um ano depois de chegar na França, com vinte e seis anos de idade, a causada gripe, bronquite ou pneumonia. Objeto de exploração extrema de cunho racista e sexista, sua imagem foi amplamente divulgada com evidente conotação erótica e seu corpo passou por dois tipos de exposição: em vida, ao ser mostrado em espetáculos e examinado em supostas sessões de anatomia; e após a morte, ao ser examinado e dissecado pelo naturalista e zoologista Georges Cuvier, e depois de ser parcialmente preservado foi exposto no Musée de l'Homme até 1974, quando só então seu esqueleto, órgãos genitais e cérebro foram retirados da exibição pública. O caso motivou reiteradas manifestações de repúdio e pedidos de retorno de seus restos mortais ao continente africano, o que só veio a ocorrer após um pedido formal encaminhado pelo Presidente Nelson Mandela em 1994. Após uma longa tramitação, os restos mortais de Sarah Baartman foram repatriados para a África do Sul em 2002, sendo então enterrados no Vale do Rio Gamtoo, onde um memorial foi edificado em sua homenagem.

A partir da apresentação da biografia de Sara Baartman, vejamos uma figura ilustrativa, que mostra seus aspectos físicos, considerados exóticos perante a sociedade.

---

<sup>3</sup> Disponível: <https://www.ufrgs.br/africanas/sara-baartman-1789-1815/>

<sup>4</sup> “Hotentote”, assim como “bosquímano” e “pigmeu”, são termos depreciativos usados para descrever grupos que hoje são chamados Khoi, San, Khoikhoi ou San, originários em regiões das atuais África do Sul, Namíbia e ao sul de Angola.

<sup>5</sup> A Guerra dos Bôeres ocorreu através de dois conflitos militares, desenvolvidos na África do Sul, entre os anos de 1899 e 1902.

**Figura 2 e 3 – Vênus hotentote**



Fonte: <https://www.bbc.com/news/magazine-35240987>.

A história de Sara Baartman tem sido evocada tendo em vista o intuito de denunciar a exploração e distorção da sexualidade das mulheres Africanas. Logo, é imprescindível destacar que o seu caso também provocou a revolta de uma parcela da opinião pública. Tendo em vista o exemplo apresentado, podemos citar o concurso Miss Brasil Be Emotion, tradicional concurso de beleza do país<sup>6</sup>. Em 2017, uma jovem negra foi eleita no concurso de mulher mais bela. Sendo assim, houve revolta de uma parcela da sociedade devido à vitória da candidata piauiense, foi amplamente manifesta nas redes sociais por meio de ofensas proferidas. Partindo desse exemplo, trouxemos o poema “A preta que sou”, podemos refletir sobre o tema abordado.

---

<sup>6</sup> Considerado o maior concurso de beleza do país, o Miss Brasil Be Emotion irá revelar a mulher mais bonita do Brasil. Representantes dos 26 estados mais o Distrito Federal deverão demonstrar confiança e força, sem perder a sua naturalidade, para transformar o sonho de receber a tão desejada coroa em uma realidade emocionante. Além de representar o Brasil no Miss Universo, a eleita será a embaixadora da BE Emotion e uma influenciadora que marca não só a sua, como várias gerações. Muito mais do que uma referência de beleza, a Miss desempenha um papel fundamental na sociedade: representar a voz e a alma da mulher contemporânea, que busca cada vez mais o respeito, os direitos iguais e o valor de suas opiniões. Ser bela, carismática e simpática é essencial. No entanto, é preciso saber usar essas qualidades para transformar, engajar e fazer a diferença. A personalidade da Miss deve transcender em suas atitudes, porque a coroa não representa somente seus aspectos físicos, mas também a sua responsabilidade e o compromisso em inspirar as pessoas a se tornarem seres humanos melhores para o mundo. (Dados disponíveis em <http://missbrasil.beemotion.com.br/sobre/>. Acessado em Ago. de 2024).

*A preta que sou*

*Me olhei no espelho  
e me vi preta!  
Não era a primeira vez  
mas nunca antes desta cor*

*Me olhei no espelho  
me vi negra!  
Do jeito que não cresci  
Com o cabelo que nasci*

*Me olhei no espelho  
e me descobri  
Com um padrão novo  
De uma imagem ancestral*

*Me olhei no espelho  
e sorri  
Minha beleza é de Ouro  
Negro é meu tesouro*

*Me olhei no espelho  
Nunca mais igual  
Minha carne é de luta  
Não de carnaval*

*Me olhei no espelho  
e a princesa era eu...  
Não loira, não lisa, não magra  
Nem branca, nem santa, nem fada*

No poema apresentado, nos faz refletir sobre “*Quando as vidas das mulheres negras realmente tiverem importância, o mundo será transformado.*” (Angela Davis, 2017). Assim, evidenciamos que na sociedade há ainda preconceito e discriminação com relação a mulher negra. Dessa forma, é fundamental a abordagem desse tema bem como a necessidade de criação de políticas públicas voltadas para mitigar a problemática instaurada na sociedade com relação a beleza da mulher negra.

#### 4 EVOLUÇÃO E PERTENÇA DA IMAGEM CORPORAL DA MULHER NEGRA

##### VOZES-MULHERES

*A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.*

*A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.*

*A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue*

*e*

*fome.*

*A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha  
recolhe em si*

*a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.*

(In: Poemas da recordação e outros movimentos)

É consenso que mesmo com a evolução das conquistas voltadas para mulheres negras, é preciso ainda compreender que ao retornarmos no período histórico, torna-se possível perceber que muitas vezes são

Marcadas pelo estigma da escravidão, à elas permanecem destinados os trabalhos sem qualificação, trabalhos que dispensam inclusive a educação e a instrução, sobre elas pesa, além das diferenças de gênero, também as de raça. O que observamos é que com papéis sociais “naturalmente” definidos como adequados, os nexos explicativos da condição da mulher negra remetem, primeiramente à sua condição de escrava. Sobre elas recam tanto as representações em relação ao uso de seu corpo enquanto objeto sexual como aquelas que o vêm adequado ao trabalho doméstico. (SILVA, 2009, p.71)

Nesse sentido, Carneiro (2002, p.181) aponta o papel da mulher negra no contexto social apresenta algumas singularidades:

A condição de mulher e negra, o papel histórico que as mulheres negras desempenham nas suas comunidades, a comunidade de destino colocada para homens e mulheres negras pelo racismo e pela discriminação impedem que os esforços de organização das mulheres negras possam se realizar dissociados da luta geral de emancipação do povo negro. Portanto, o ser mulher negra na sociedade brasileira se traduz na tríplice militância contra os processos de exclusão decorrentes da condição de raça, sexo e classe. Isto é, por força das contradições que o ser mulher negra encerra, recai sobre ela a responsabilidade de carregar politicamente bandeiras históricas e consensuais do movimento negro e do movimento de mulheres e somar-se ainda aos demais movimentos sociais voltados para a construção de outro tipo de sociedade, baseada nos valores da igualdade, solidariedade, respeito a diversidade e justiça social.

À luz disso, cabe destacar que os enunciados nos possibilitam perceber que existe uma demarcação dada a este corpo da mulher negra, que muitas vezes estão

associados ao trabalho e ao prazer sexual. Dessa forma, o objetivo é trazer as percepções que permeiam tais discussões em relação ao corpo da mulher negra.

No que diz respeito à população negra, as relações corpo-indivíduo-sociedade estão carregadas de peculiaridades, considerando que existem marcas históricas que determinam as relações encontradas na contemporaneidade (GOMES, 2006). De acordo com Ribeiro (2016), aqui no Brasil, como se criou esse mito da "democracia racial", de que todo mundo se ama e todo mundo é legal, muitas vezes o próprio sujeito negro tem dificuldade para entender que nossa sociedade é racista<sup>7</sup>.

Nesse sentido, a autora destaca que romantizamos muito essas supostas pontes que nos unem, mas se resiste a falar dos muros que nos separam. No que diz respeito aos padrões de beleza, a autora ainda destaca a construção da autoestima da criança negra e por isso é crucial o estudo e compreensão de outros referenciais, visando entender que pessoas negras também pensam o mundo e que fazem parte da construção da sociedade.

Nesse viés, Conceição Evaristo<sup>8</sup> evidencia que "O imaginário brasileiro, pelo racismo, não concebe reconhecer que as mulheres negras são intelectuais". Em consonância, Silvana Bahia<sup>9</sup> – Jornalista fomenta "Eu desejo que meninas negras e indígenas possam sonhar com outros futuros e não só aqueles que estão socialmente dados para nós".

#### 4.1 RESSIGNIFICAÇÃO DO CORPO DA MULHER NEGRA

No que tange ao termo ressignificação, compreende-se que caracteriza a ação de atribuir um novo significado a algo ou alguém. Dessa forma, ao ressignificar o corpo da mulher negra, é associar uma nova percepção sobre o corpo da mulher negra, tendo em vista que muitas vezes "A sexualidade feminina está ligada à imagem das nádegas, e as nádegas são por excelência as da Hotentote" (Gilman, 1985). Sobre isso, Ribeiro (2018, p.142) destaca que:

---

<sup>7</sup> <https://www.vice.com/pt/article/entrevista-djamila-ribeiro-2016/>

<sup>8</sup> [file:///C:/Users/marco/Downloads/gcpianta,+Movimento+Feminista+Negro%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/marco/Downloads/gcpianta,+Movimento+Feminista+Negro%20(1).pdf)

<sup>9</sup> <https://www.pensador.com/frase/MjY5ODkzOA/>

A exotização e exploração do corpo da mulher negra, construída durante o colonialismo, permanece nos discursos culturais da atualidade. Ribeiro é categórica ao afirmar que “a história de Baartman se passou há séculos, mas esse estigma ainda recai sobre nós, negras”.

Diante disso, torna-se fundamental a reflexão sobre uma nova percepção do corpo da mulher negra, tendo em vista o corpo como lugar de afeto e novos significados. De acordo com Costa (1981, p.86).

As mulheres negras e mestiças sempre foram submetidas, por motivos sociais, econômicos e culturais, a uma promiscuidade sexual bem maior que as mulheres brancas. Desde a escravatura, as negras e as mestiças nunca puderam conhecer as normas morais do contato sexual, pois foram brutalmente utilizadas pelos senhores. Depois da abolição, essas mulheres viram-se forçadas a se prostituir, nas cidades, para sobreviverem, ou para manterem a família.

Assim, ao retornarmos ao modo como as mulheres negras eram vistas pela sociedade e pela forma eram tratadas, evidenciamos a necessidade de reflexões sobre esse tema. Desse modo, as mulheres negras foram marginalizadas e submetidas a inúmeros estereótipos negativos que limitaram suas oportunidades e visibilidade. Elas eram frequentemente retratadas de forma desumanizante, tanto na sociedade quanto na mídia.

No entanto, atualmente, vemos uma transformação significativa na sociedade com relação às mulheres negras, pois muitas estão liderando movimentos sociais e, por conseguinte, ocupando posições de destaque em diversas áreas, e desafiando as narrativas opressivas. Logo, compreende-se que por meio de sua resiliência e determinação, as mulheres negras estão redefinindo os padrões de beleza, sucesso e poder, promovendo uma representação mais autêntica e multifacetada de suas identidades e experiências.

## 4.2 CONHECIMENTO E PERTENCIMENTO DO CORPO NEGRO

O conhecimento e o pertencimento do corpo negro são temas centrais na discussão sobre identidade, inclusão e justiça social. A história e a cultura das pessoas

negras têm sido sistematicamente marginalizadas, e o corpo carrega negro frequentemente significados que são impostos por uma sociedade marcada pelo racismo estrutural. No entanto, a resistência e a resiliência das comunidades negras têm desafiado esses estigmas e reivindicado um lugar de dignidade, reconhecimento e poder.

Segundo Kilomba (2019), no racismo, os corpos negros estão sempre fora do lugar, erráticos, não pertencentes. Em contrapartida, os brancos encontram um lugar de pertencimento. Assim, a busca pela aceitação pode despontar por intermédio de excessivo empenho, sacrifício e sujeição, instituindo um modo de existir para o negro. Todavia:

[...] ser o melhor, a despeito de tudo, não lhe garante o êxito, a consecução do Ideal. É que o Ideal do Ego do negro, que é em grande parte constituído pelos ideais dominantes, é branco. E ser branco lhe é impossível. Dilacerante, crua, cruenta descoberta [...] (SOUZA, 2019, p. 38).

Sawaia (2014), destaca que a dominação e o descompromisso com o outro em sociedade, exploração, submissão, humilhação e exclusão, resultantes de discriminações violentas, as quais geram sofrimento. Sendo assim, esses movimentos não apenas criam um senso de comunidade, mas também geram conhecimento que desafia e subverte as narrativas opressivas.

Desse modo, evidenciamos que a produção de conhecimento negro é uma forma de resistência, uma vez que afirma a humanidade e a complexidade das experiências negras. Assim, destacamos que através da literatura, da arte e da educação, as vozes negras articulam suas vivências e constroem um senso de identidade que resiste à marginalização.

Portanto, o conhecimento e o pertencimento do corpo negro são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. É necessário reconhecer e valorizar as contribuições das pessoas negras em todos os aspectos da vida social, cultural e acadêmica. Somente assim, poderemos avançar na direção de um mundo onde todos os corpos, independentemente de sua cor, tenham o direito ao reconhecimento e ao pertencimento.

### 4.3 RESULTADO E DISCUSSÃO ATRAVÉS DA MANIFESTAÇÃO, EXPRESSÃO, CUIDADO E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL

O conhecimento e o pertencimento do corpo negro são temas centrais na discussão sobre identidade, inclusão e justiça social. A história e a cultura das pessoas negras têm sido sistematicamente marginalizadas, e o corpo negro frequentemente carrega significados que são impostos por uma sociedade marcada pelo racismo estrutural. No entanto, a resistência e a resiliência das comunidades negras têm desafiado esses estigmas e reivindicado um lugar de dignidade, reconhecimento e poder. Desse modo, tendo em vista a importância da mulher negra na sociedade, evidenciamos algumas mulheres que se destacaram: Dandara dos Palmares, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Conceição Evaristo e Maria Júlia Coutinho.

**Figura 4-** Dandara dos Palmares



Fonte: <https://i.pinimg.com/736x/f8/62/cd/f862cd8d07766f6c52892e6aa40365fe.jpg>;

Dandara foi uma mulher que lutou contra a escravidão e por isso se tornou um dos maiores nomes no que refere à resistência quilombola do Brasil no século XVII. Nesse sentido, consideramos que Dandara foi fundamental em sua persistência contra o sistema escravocrata. Foi esposa de Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares e cuja morte inspirou o Dia da Consciência Negra. Cabe ressaltar que existem poucas informações publicadas sobre Dandara, acredita-se que ela nasceu

no Brasil e que se suicidou para não precisar voltar à condição de escrava, em 1694, após ser presa na queda do quilombo.

**Figura 5 - Maria Firmina dos Reis**



Fonte: [https://s2.glbimg.com/xE5PbohVXqWPFuc4S0rcPwnONDI=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2019/10/11/maria\\_firmina\\_dos\\_reis.jpg](https://s2.glbimg.com/xE5PbohVXqWPFuc4S0rcPwnONDI=/e.glbimg.com/og/ed/f/original/2019/10/11/maria_firmina_dos_reis.jpg)

Uma das mulheres que se sobressaiu na literatura foi Maria Firmina dos Reis, nascida em São Luís (MA), como a primeira a publicar um livro de romance no Brasil. Na obra *Úrsula* foi publicada em 1860, a autora tangenciou a questão abolicionista no enredo. Maria Firmina também se destacou sendo a primeira mulher negra a ser aprovada em um concurso público no Maranhão, designada para o cargo de docente. Ademais, fundou a primeira escola mista gratuita na região.

**Figura 6 - Antonieta de Barros**



Fonte: <https://sarrauteducacion.com/wp-content/uploads/2020/10/antonieta-de-barros-a-parlamentar-negra-pioneira-que-criou-o-dia-do-professor.jpg>

Antonieta de Barros, jornalista e professora, nasceu em Santa Catarina. Ela é famosa por ter sido a primeira deputada estadual negra no Brasil em 1934, além de ter sido a primeira deputada mulher do estado. Antonieta advogava e batalhava pela igualdade racial e de gênero no Brasil, além de se engajar em questões políticas ligadas à educação de alta qualidade, particularmente, direcionada às mulheres.

**Figura 6-** Conceição Evaristo



Fonte: <https://www.dmtpalestras.com.br/wp-content/uploads/2021/10/conceica-evaristo-palestrante-dmtpalestras-768x768.jpg>

Nascida em Belo Horizonte em 1946, Maria da Conceição Evaristo de Brito. De origem modesta, mudou-se para o Rio de Janeiro nos anos 1970. Engajada nos movimentos de valorização da cultura negra em nossa nação, iniciou sua carreira literária em 1990. Versátil escritora, ela se dedica à poesia, à ficção e ao ensaio. Desde aquele momento, suas obras têm atraído cada vez mais leitores. A autora colabora em publicações na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Seus contos têm sido analisados em universidades do Brasil e do exterior, sendo inclusive tema da tese de doutorado de Maria Aparecida Andrade Salgueiro, publicada em livro em 2004, que traça um paralelo entre a escritora brasileira e a americana Alice Walker.

**Figura 7 - Maria Júlia Coutinho**



Fonte: [https://mundonegro.inf.br/wp-content/uploads/2019/08/maju-coutinho\\_355683\\_36.jpg](https://mundonegro.inf.br/wp-content/uploads/2019/08/maju-coutinho_355683_36.jpg)

Maju Coutinho, nome artístico de Maria Júlia dos Santos Coutinho Moura, nasceu em São Paulo, no dia 10 de agosto de 1978, é uma jornalista renomada, apresentadora, comentarista, locutora e repórter do Brasil. É a apresentadora do Fantástico desde 21 de novembro de 2021. Tendo em vista as mulheres negras supracitadas que se destacaram, torna-se evidente o pertencimento, que diz respeito à necessidade de se reconhecer e ser respeitado como parte de um grupo ou comunidade. Frequentemente, a identidade negra é negada pela exclusão social e pela violência racial. Contudo, movimentos culturais e sociais, como o movimento negro e o hip-hop, têm exercido uma função fundamental na construção de espaços onde a identidade negra é exaltada e empoderada.

## 5 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Trouxemos para o embasamento teórico desse estudo as contribuições de Ribeiro (2019) e Gomes (2020), tendo em vista as abordagens realizadas pelas referidas autoras sobre as questões étnico raciais. Torna-se necessário compreender que as mulheres negras escravizadas eram tratadas como mercadoria, propriedade, portanto não tinham escolha (Ribeiro, 2019, p.84).

Ribeiro (2019) destaca que “muitas vezes atores negros são contratados para atuarem como “bandido” ou “bêbado”, no caso dos homens, ou como empregada doméstica ou “gostosa”, no caso das mulheres” (Ribeiro, 2019, p.74). A referida autora ainda destaca que as mulheres negras são ultrassexualizadas desde o período colonial. No imaginário coletivo brasileiro, propaga-se a imagem de questão “lacivas”, “fáceis” e naturalmente sensuais” (Ribeiro, 2019, p.83).

Nesse sentido, a questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber”(Ribeiro, 2019). Conforme Souza (2017), estereótipos são generalizações impostas a grupos sociais específicos, geralmente aqueles oprimidos. Sendo assim, numa sociedade machista, impõe-se a criação de papéis de gêneros como forma de manutenção de poder, negando-se a humanidade às mulheres.

No que diz respeito, a identidade é importante compreender que

[...] as possíveis raízes históricas do conflito rejeição/aceitação, tentei, mais do que pontuar a existência dessa relação, destacar que os processos históricos, sociais e culturais são partes integrantes da construção da identidade negra, da conformação da subjetividade e ocorrem de maneira concomitante à emocionalidade dos sujeitos (Gomes, 2020).

Nessa perspectiva, há uma necessidade de melhor entendimento sobre o pertencimento e a valorização dos negros, tendo em vista que muitas vezes há a invisibilidade ou o apagamento da identidade devido ao racismo e preconceito. Além disso, ocorre também o processo de desvalorização.

Em função do processo de desvalorização da pessoa negra, os afrodescendentes tendem a introjetar a visão dominante de mundo branco, visto como superior. Em decorrência, tendem a desvalorizar o mundo negro

ou assumirem como insignificante para suas vidas o fato de serem afrodescendentes (Ferreira, 2002, p. 75).

Nesse sentido, Ferreira (1999), fomenta que a internalização tanto dos valores, quanto de crenças e estereótipos em relação ao negro:

Há uma fase na vida das pessoas afrodescendentes onde é muito comum absorverem e se submeterem a crenças e valores da cultura branca dominante, inclusive a noção sintetizada nas ideias do "branco ser certo" e o "negro ser errado". Esta internalização de estereótipos negativos dos afrodescendentes é feita de maneira inconsciente (p. 59).

Diante disso, compreende-se que há uma necessidade de reflexão da sociedade com relação à mulher negra, considerando valorização e pertencimento. Além disso, repensar sobre práticas de desvalorização da mulher negra, tendo em vista os valores, crenças e estereótipos.

## 6 METODOLOGIA E NATUREZA DAS FONTES

A pesquisa traz como referencial teórico os pressupostos da Nilma Lino Gomes (2020), Djamila Ribeiro (2019) no que se refere as questões étnico-raciais. Desse modo, busca promover uma reflexão sobre ressignificar o conceito de beleza, celebrando a beleza negra em toda sua diversidade, promovendo a autoaceitação, o empoderamento e a valorização da cultura afro-brasileira. Nesse sentido, entendemos que esse arcabouço é fundamental para a compreensão do tema abordado e para o desenvolvimento das análises da realidade histórico, econômico, social e cultural. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica.

Nesse percurso metodológico apresentamos, detalhadamente, como será desenvolvida cada etapa desse projeto. No primeiro momento, faremos a revisão de literatura visando encontrar estudos de trabalhos que estabelecem alguma correspondência com a temática de pesquisa. No segundo momento, realizaremos a revisão bibliográfica, tendo em vista a leitura de textos que balizarão as análises pretendidas. No terceiro momento, a leitura e análise do material selecionado, em seguida faremos a categorização dos dados e por fim as análises sob as perspectivas e contribuições do nosso referencial teórico.

## CONCLUSÃO

Ao início de nosso estudo, apresentamos considerações que levam em conta o aporte teórico, que traz os pressupostos de alguns teóricos que realizaram estudos sobre a mitologia da beleza e o impacto na identidade negra. Trouxemos ainda, as motivações que nos conduziram a escolha desse tema e alguns exemplos de mulheres negras que se destacaram profissionalmente na mídia.

Retomamos ao objetivo principal de nossa pesquisa que foi identificar os principais impactos causados pelo padrão de beleza imposto pela sociedade em mulheres negras. Com efeito, evidenciamos que a mulher negra ainda sofre considerando as questões raciais na contemporaneidade.

Considerando os objetivos específicos de nossa pesquisa, analisamos, por meio de consulta bibliográfica, como se deram os padrões de beleza imposto pela sociedade; verificamos aspectos sobre os processos da política, história, economia e cultura com relação a invisibilidade da beleza negra. Além disso, buscamos promover uma reflexão em como ressignificar o conceito de beleza, celebrando a beleza negra em toda sua diversidade, promovendo a autoaceitação, o empoderamento e a valorização da cultura afro-brasileira. Desse modo, a busca pelos objetivos específicos de nosso estudo nos conduziu à análise das imposições do padrão de beleza na sociedade.

Considerando o estudo sobre o tema abordado em livros, artigos, dissertações e teses, constatamos que da análise desse material, emergem as questões sociais, históricas, culturais e ideológicas, nas quais foram identificados e abordados aspectos sobre identidade, pertencimento, diversidade, preconceito, discriminação e invisibilidade relacionados à beleza da mulher negra na sociedade.

O material selecionado foi distribuído e organizado em quatro vertentes investigas: breve percurso historiográfico social, econômico e cultural da mulher negra no Brasil, a busca da corporeidade, evolução e pertencimento da imagem corporal da mulher negra. O objetivo principal, com isso, foi mostrar o quanto este estudo, aspectos relacionados à mulher negra.

As considerações tecidas nesse estudo apontam que há uma evolução quanto ao destaque da mulher negra na sociedade. No entanto, evidenciamos que há ainda a necessidade de reflexões sobre a temática abordada. Verificamos a relevância da pesquisa no sentido de promover uma reflexão sobre a mitologia da beleza e o impacto na identidade negra, considerando a necessidade de valorização da beleza negra. Assim, refletir sobre as práticas discriminatórias ainda existentes na sociedade.

A pesquisa consiste no padrão de beleza imposto pela sociedade, que traz como consequência o racismo estético. Sendo assim, afeta muitas pessoas, uma vez que ocorre a negação aos traços físicos, como o formato do nariz e a boca, a estrutura óssea e os cabelos.

Evidenciamos que nos aspectos sociais as mulheres sempre foram inferiorizadas devido a imposição de um padrão de beleza que valoriza o padrão americano invisibilizando a beleza da mulher negra. Outro aspecto é ausência de valorização e respeito ao trabalho, que diretamente afeta na economia, nas condições de vida das mulheres negras que ainda sofrem com preconceito e discriminação.

Considerando a história da mulher negra, destacamos que os corpos ancestrais representam mais do que remanescentes físicos, pois podem ser considerados como testemunhos vivos de histórias, culturas e experiências que contribuem para moldar as sociedades ao longo do tempo.

Posto isso, compreende-se que corpos ancestrais transcendem a mera noção de hereditariedade, abarcando aspectos sociais, culturais e históricos. Tendo em vista as ações corporais do negro, passamos a abordagem de corpos padrão considerando as imposições da sociedade. Além disso, buscamos apresentar o corpo como linguagem tendo em vista a construção social dos padrões e as ideologias existentes.

Os corpos padrão são definidos por características físicas que se alinham com as normas culturais e sociais predominantes em um determinado contexto social. Desse modo, esses padrões podem variar com o decorrer do tempo e entre diferentes culturas, mas frequentemente exaltam um ideal de beleza que pode ser inatingível para a maioria das pessoas. Assim, a construção social desses padrões não apenas influencia a forma.

A objetificação do corpo da mulher negra é uma influência que atravessa a história, refletindo as intersecções de raça, gênero e classe. Desde a época colonial até os dias atuais, esse corpo tem sido tratado como um objeto de desejo, exploração e controle. Historicamente, as mulheres negras eram frequentemente vistas através de lentes de identidade distorcidas que reduziam seus estereótipos.

No que diz respeito aos padrões de beleza, a autora ainda destaca a construção da autoestima da criança negra e por isso é crucial o estudo e compreensão de outros referenciais, visando entender que pessoas negras também pensam o mundo e que fazem parte da construção da sociedade.

Assim, ao retornarmos ao modo como as mulheres negras eram vistas pela sociedade e pela forma eram tratadas, evidenciamos a necessidade de reflexões sobre esse tema. Desse modo, as mulheres negras foram marginalizadas e submetidas a inúmeros estereótipos negativos que limitaram suas oportunidades e visibilidade. Elas eram frequentemente retratadas de forma desumanizante, tanto na sociedade quanto na mídia.

No entanto, atualmente, pode-se constatar que há uma transformação significativa na sociedade com relação às mulheres negras, pois muitas estão liderando movimentos sociais e, por conseguinte, ocupando posições de destaque em diversas áreas do conhecimento, e desafiando todas as narrativas opressivas. Logo, compreende-se que por meio de sua resiliência e determinação, as mulheres negras estão redefinindo os padrões de beleza, sucesso e poder, promovendo uma representação mais autêntica e multifacetada de suas identidades e experiências.

Portanto, o conhecimento e o pertencimento do corpo negro são essenciais para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. É necessário reconhecer e valorizar as contribuições das pessoas negras em todos os aspectos da vida social, cultural e acadêmica. Somente assim, poderemos avançar na direção de um mundo onde todos os corpos, independentemente de sua cor, tenham o direito ao reconhecimento e ao pertencimento.

Diante desse contexto, como estudiosa, mulher e negra, evidencio que concluir esse estudo aponta para uma proposta de indagar as imposições de padrão de beleza, que de alguma maneira excluem as mulheres negras que enfrentam racismo e

preconceito. Portanto, dar visibilidade e o direito de igualdade a essas mulheres na sociedade.

Destacamos que esse estudo abre perspectivas para outras pesquisas tendo em vista não só a beleza da mulher negra, mas as suas potencialidades diante de tantos desafios em uma sociedade, que evidencia o preconceito e a discriminação. Acreditamos que este estudo poderá contribuir com reflexões sobre as implicações da imposição de padrão de beleza, tendo em vista o pertencimento da identidade da mulher negra na sociedade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. ABNT NBR 6028: resumo, resenha e resenha: apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro, 2021.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau Ponty: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2000.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. Tempo – **Revista do Departamento de História da UFF**, v. 12, 2007, p. 113-136. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>>. Acesso em: 2 nov. 2024.

GARBIN, D. **Fazendo as pazes com o corpo**. [s.l.] Sextante, 2020.

GONZÁLEZ, L. "Racismo e sexismo na cultura brasileira". *Revista Ciências Sociais Hoje*, 1984.

GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a Raiz: Corpo e Cabelo com símbolos da identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

PRIDE, Armistead S. & WILSON II, Clint. **A history of the black press Washington D. C.**: Howard University Press, 1997.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manul Antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo Do Feminismo Negro?**. 1. ed. São Paulo: Rosa dos tempos, 2022. 490 p.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2021.

XAVIER, Giovana. **História Social da Beleza Negra**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2021. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL ESPÍRITO SANTO. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos**. Vitória: Edufes, 2015.

BRAGA, Amanda Batista. **História da beleza negra no Brasil: discursos, corpos e práticas**. São Carlos. 2020. 273p.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o Feminismo**: a situação da mulher negra na América Latina a

partir de uma perspectiva de gênero. In: NQF. Vol.24, nº2, 2002.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Merleau Ponty**: uma introdução. São Paulo: Educ, 2000.

INSTITUTO PATRICIA GALVÃO. **Violência e Racismo**. In: Violência contra as mulheres, 2015. Disponível em: <  
<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-eracismo/#assedio-sexual-e-mulheres-negras>>. Acesso em: 01 de outubro de 2024.

GARBIN, Daiana. **Fazendo as pazes com o corpo**. Rio de Janeiro: sextante, 2017.168p.

GOMES, Nilma Lino. **Sem Perder a Raiz**: Corpo e Cabelo com símbolos da identidade negra. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. Zahar, 2020. Disponível em: <https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>

MARTINS, Leda In: RAVETTI, G. & ARBEX, M.: 2002, 89.

SABINO, J; LODY, R. **Danças de matriz africana**: Antropologia do movimento. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

SANTOS, J. A. S. dos.; TRINDADE, V. L. R. da.; PEREIRA, O. P.; SANTOS, L. da S. **Transtorno alimentar e objetificação feminina**: um resultado das relações de poder? Revista JRG de Estudos Acadêmicos, [S. l.], v. 3, n. 7, p. 123–142, 2020. DOI: 10.5281/zenodo.3992831. Disponível em: <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/44>. Acesso em: 10 de outubro de 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer al Feminismo**: La situación de la mujer negra em América Latina desde una perspectiva de género. In: NQF. Vol.24, nº2, 2005.

COSTA, J.C. A liga brasileira de higiene mental e seu ideal eugênico. In: COSTA, J.C. **História da psiquiatria no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1981.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Editora Cobogó, 2019, 244 p.

GILMAN, SANDER L. **The hottentot and the prostitute: toward an iconography of fe-male sexuality**. Ithaca and London: Cornell University Press, 1985.

GOMES, B. O corpo na representação social das mulheres da comunidade boa esperança. **Dissertação (Mestrado em Educação)**, João Pessoa, jan./dez. 2006. Disponível em: <<http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/4715>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

RIBEIRO, Djamila. **“O Corpo Da Mulher Negra Como Pedaco de Carne Barata.”** Blog Do Sakamoto. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/04/o-corpo-da-mulher-negra-como-pedaco-de-carne-barata/>. Acesso em: 6 de novembro. 2024.

SAWAIA, B (org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

SILVA, Maria Aparecida. **O Cotidiano das Mulheres Negras a partir de Suas Narrativas: as experiências e formação de Araraquarenses.** In: Revista Fórum

Identities, p. 69-79, 2009.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: ou, As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** LeBooks Editora, 2019.